

“NÃO VOU DEIXAR, EU NÃO VOU DESISTIR E EU VOU TENTAR REVERTER”: Relatos sobre a luta de uma mulher indígena – Entrevista com Amanda Tupinambá

Deanny Stacy Sousa Lemos¹

deannystacy@gmail.com

Marcos Paulo Magalhães De Figueiredo²

marcospaulomagalhaes25@gmail.com

Em novembro do ano de 2020 tivemos a oportunidade de realizar uma entrevista com a artista e estudante de direito Amanda Tupinambá. Como a maioria das coisas realizadas durante esta distopia que estamos vivendo a entrevista foi feita a distância por chamada de vídeo. Logo no início da chamada Amanda estava confeccionando um colar de cobra coral e começamos a conversar. Apesar do uso da nomenclatura “entrevista” foi o desejo dos autores, que as narrativas fluíssem como se fosse uma conversa. Arriscamos dizer que conseguimos!

Durante nossa conversa houveram algumas frutíferas trocas de conhecimento sobre o apagamento dos povos indígenas no Maranhão e no Piauí através dos relatos de uma etnóloga e uma indígena em um formato bem leve que rememora uma conversa. Não obstante, as narrativas de Amanda Tupinambá nos inspiram a refletir sobre a complexa relação dos povos indígenas com o Estado. Permeado por contradições os aparelhos estatais tem uma boa parcela da responsabilidade nas violências que incidem sobre a existência indígena. Em contrapartida com muita persistência que Amanda usou os dispositivos jurídicos ao seu alcance para se legitimar enquanto indígena Tupinambá frente aos indivíduos que atuam no Estado.

A presente entrevista é uma dádiva para aqueles que se debruçam nos estudos sobre os direitos dos povos indígenas brasileiros. Mais do que um presente o relato de Amanda é extremamente necessário para fazer frente ao (des)governo que estamos atravessando, sempre revigorando nossas energias para lutar e resistir.

1 Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Do Piauí -UFPI. Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal Do Piauí – UFPI.

2 Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Do Piauí – UFPI. Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal Do Piauí - UFPI.

Zabelê: Amanda, queríamos que você falasse como foi sua infância, como foi a convivência com sua família. Dei uma olhada no seu instagram e você comentou que seu avô era um pajé, então queria que você falasse como foi sua infância. Tomei a liberdade e vi que desenvolveu alguns projetos seus com escolas de educação básica, queria que você falasse um pouco da sua primeira educação, da sua infância.

Amanda Tupinambá: Então gente, sou Amanda Tupinambá, sou de Cururupu, no Litoral Maranhense, sou da Baixada. Então, nasci numa comunidade chamada Cocal, que faz parte do município de Cururupu e fica a 27km de Cururupu, é uma comunidade pesqueira, uma das comunidades tradicionais que não tem uma denominação indígena, que não é denominado como indígena, mas toda as características das nossa vivência cotidianas, saberes ancestrais a gente tem ainda vivo. Meus pais são primos, meu pai biológico mora em São Luís, mora na capital desde a adolescência dele. E cresci na comunidade, mas meu pai indígena cresceu na cidade, eu só fui ter contato com a cidade a partir dos 14 anos quando eu fui morar na capital, me mudei para capital ao 14 anos para fazer o ensino médio. Na comunidade não tem escola de ensino médio, só tem o fundamental, então minha infância dentro da comunidade foi incrível, porque a gente não tem noção de como é a vida das outras pessoas que estão na cidade, pra gente é só aquele momento, aquele mundo. Dentro da comunidade tem uma reserva muito grande de manguezais, em Cururupu tem uma das maiores reservas de manguezais do planeta, um terço está em Cururupu e eu cresci praticamente dentro do mangue posso dizer assim, no mangue na beira do mar o tempo todo. Meu pai adotivo é pescador, eu tive um pai que me criou lá da comunidade. Meu pai biológico mora na capital, meu pai adotivo é lá da comunidade. Eu tenho muito orgulho de dizer que meu pai é pescador, que meu pai mesmo é pescado. Meu avô é pescador, meu tio é pescador, minha avó é marisqueira. Vim de uma raiz muito mesmo da pesca e do mar, tenho uma conexão muito grande como iemanjá, a minha ligação com o mar e com o mangue, com essa natureza do litoral maranhense é muito forte. O povo tupinambá é o povo que viveu no litoral brasileiro, é uma característica muito forte da gente ter essa relação com o mangue e acabo retratando muito isso nos meus trabalhos de fotografia e nos artesanatos.

E uma coisa que marcou a minha infância e acho que eu gostaria de falar para vocês é que eu sofri um abuso sexual aos nove anos de idade dentro da comunidade e isso acontecer dentro de uma comunidade pequena onde todo mundo se conhece, é muito difícil. Eu não consegui falar pra ninguém, depois de um tempo eu falei pra minha mãe, até hoje o caso não deu em nada, mas descobri várias coisas que já aconteceram com outras pessoas na minha época e agora. Esse fato que aconteceu quando era criança mudou a minha vida, minha percepção de vida, porque logo depois me mudaram para cidade. Tive que crescer na cidade a partir dos quatorze anos, morei em São Luís sem minha mãe, eu não tinha minha mãe e não tinha meu pai, fiquei morando em São Luís, digo que depois que aconteceu esse fato eu não me sentia mais criança mudou tudo, então aconteceu aos nove anos e a partir dos nove comecei ter uma posição mais de adulta. Então sempre muito responsável, aos quatorze (anos) morando praticamente sem minha família, aí eu tive que me virar. Desde então tive de trabalhar para me sustentar, trabalho com pintura e fotografia, hoje em dia já me sustento com artes, antes eu não conseguia, era muito difícil me manter na cidade.

Foto: arquivo pessoal de Amanda Tupinambá



Sobre os projetos que você falou com as crianças, eu comecei na minha comunidade, percebi que muitas pessoas indígenas não se afirmavam enquanto indígenas. Então, comecei a levantar um movimento junto com outras pessoas na comunidade que se afirmavam indígena tupinambá e comecei a ir na escolas e falar sobre nosso resgate. Que nós somos indígenas, que não temos os estereótipos que colocam na gente de andar o tempo todo pintado, o tempo todo com pena e ficar fazendo ritual o tempo todo. Aí eu comecei a criar esses projetos. Agora em setembro realizei na escola da minha comunidade uma pintura e levei uma artista para escola para falar sobre retomada indígena, fizemos várias pinturas de vários grafismos dentro da escola e a gente colocou a nossa paisagem do manguezal, do mar e do curral que é uma tradição do nosso povo. E a gente colocou tudo isso nas pinturas para que as crianças se identificassem com as paisagens, com os grafismos e fazerem sua retomada de pessoa, se identificarem enquanto indígena. A gente fez uma pintura de uma mulher indígena em uma das salas chamada Mariá, uma amiga da comunidade veio para mim e falou que se sentiu muito representada. Isso foi muito importante pra mim e pro meu trabalho. Eu me fortaleço a partir das crianças, porque praticamente parte da minha infância foi tirada de mim de um jeito muito ruim, então eu penso que o resgate do nosso povo e as melhorias do nosso povo vão vir a partir dessas crianças que estão ainda formando pensamento e estão ainda aprendendo.

Foto: arquivo pessoal de Amanda Tupinambá



Zabelê: *Amanda, na sua comunidade tem apenas uma escola ou possui outras? As escolas são abertas apenas para indígenas ou não indígenas? Tendo em vista que a fica em uma reserva que também possui não indígenas.*

Amanda Tupinambá: Tem uma escola na comunidade que é do ensino fundamental menor e do ensino fundamental maior, e uma escola que é especificamente uma escola da comunidade. Essa escola abrange três comunidades. A gente a começou a partir desses projetos com a escola a entregar dicionário em Tupi nas bibliotecas, cada comunidade tem sua escola, mas na escola da minha comunidade ela recebe todos os alunos de todas as comunidades porque tem fundamental maior. Todas as outras possuem fundamental menor, mas só na minha comunidade a escola possui fundamental maior. Então esse projeto que foi aplicado na escola da minha comunidade abrangeu todas as crianças de outras comunidades e a partir disso a secretaria de educação de Cururupu quis aplicar em outras escolas, principalmente nas escolas das ilhas que são de difícil acesso que precisam ir de barco. Os pequenininhos do jardim chegam na escola veem tudo colorido, veem os grafismos. Aquilo tudo tem um significado que vai ser passado pelos professores. Eu fico muito feliz essa ideia que foi abraçado pela secretaria de educação e a prefeitura de Cururupu, em então todo mundo já conhece e quer aplicar nas outras escolas.

***Zabelê:** Muito interessante a prefeitura abraçar esse projeto. Isso reflete muito sobre você, pois afirmou que teve sua infância tomada e hoje desenvolve com as crianças na comunidade um projeto que estimula a terem contato com essa retomada étnica individual e coletiva que os fortalecem para lidar com o mundo não indígena. Amanda, quando você fez seu ensino fundamental foi em uma escola indígena? Já tinham essas iniciativas ou foram iniciativas que surgiram bem depois?*

Amanda Tupinambá: A escola que eu estudei ela não é especificamente indígena, a gente já aprendia algumas coisas dentro da escola, como a história do nosso povo, a história da cidade. Mas essa iniciativa do resgate veio bem depois, eu já estava um pouco grandinha quando começou essa iniciativa. Dentro da comunidade nós temos um pajé, o pajé sempre faz ritual, o nome dele é Samba, a gente o chama de Mestre Samba. Ele sempre faz ritual dentro da comunidade de pajelança, ele sempre, ele fala que os encantados são indígenas, que nós somos indígenas, ele fala tudo. Então eu sempre soube. Quando eu ficava doente minha mãe me levava no pajé, aí todo mundo me chamava de “índia”. Só que até então ninguém me nunca me disse, então eu comecei a me entender a partir da escola e de tudo que vivia dentro da comunidade, a conexão com a natureza, as idas no pajé quando estava doente, eu meio que fui ligando tudo e só perguntei para minha mãe, e minha mãe me disse.

***Zabelê:** Queria aproveitar esse gancho, eu vi uma publicação sua, não vou lembrar qual a foto, mas eu lembro do texto que você falava que o Maranhão sempre exaltou a chegada dos portugueses, dos franceses e dos holandeses, mas nunca dos povos originais. Então Isso foi algo que me chamou atenção, você deu até o exemplo da menina que se identificou com a pintura e se sentiu representada. Queria saber como foi seu processo de representatividade na escola, Como você vê essa diferença do que está acontecendo hoje em dia? E também como foi sua entrada na universidade e como se deu esse processo educacional na sua vida?*

Amanda Tupinambá: Então, a gente que é maranhense aprende a história do maranhão e de São Luís como a cidade que foi colonizada pelos portugueses, tomadas pelos franceses e também tem influência holandesa. A história do Maranhão e de São Luís eu fui aprender no ensino médio, então eu comecei a perceber o quanto eles não falavam dos povos indígenas, não falava sobre o povo Tupinambá que habitou a grande São Luís por milhares de anos. Você percebe o apagamento, o silenciamento e o genocídio com os povos indígenas e com o povo Tupinambá. Uma coisa que me revolta muito é saber que em vários pontos da cidade que tinha grandes aldeias do nosso povo foram construídas grandes avenidas, que debaixo das avenidas tem muito ossos, muitos artefatos e cerâmicas do nosso povo. O próprio governo do estado nos silencia. Todo os nossos artefatos sagrados que ficaram embaixo da terra não foram sequer retirados pelos arqueólogos e colocados em um museu. Então cada vez que eu passo por um lugar que eu sinto espiritualmente que era uma aldeia do nosso povo, fico revoltada que as pessoas não tem essa informação. As próprias pessoas de São Luís que vem falar comigo falam que sou guajajara ou que eu sou de tal povo, aí quando perguntam minha etnia e falo que sou Tupinambá do Maranhão, logo eles falam “Ué, mas como? Não tem mais Tupinambá aqui no Maranhão”.

Foto: arquivo pessoal de Amanda Tupinambá



Isso me revolta, a própria população não tem essa informação ou não quer entender a informação verdadeira. Então ver outros parentes Tupinambá surgindo em cidades que não são a minha, eu encontrei um parente Tupinambá de São Bento, um parente Tupinambá de Mirinzal, de Guimarães. Cada vez que um parente Tupinambá me manda uma mensagem dizendo “ oi parenta, eu também sou Tupinambá, eu também sou do Maranhão” isso me fortalece muito porque eu sinto que tô no caminho certo, que eu tô encontrando meu povo, assim levantando a voz do povo Tupinambá no Maranhão.

Zabelê: *Como você falou você foi a primeira tupinambá a entrar na Universidade Federal Do Maranhão. E como foi o processo dessa entrada na universidade? Nós pesquisamos e vimos que infelizmente aconteceu uma coisa muito ruim com você na UFMA. Sobre o ataque que você sofreu, negação da sua identidade e sobre esse processo na universidade, bem traumático.*

Amanda Tupinambá: *É... foi um processo bem traumático, mas eu acredito que aquilo, aquele momento serviu para um aprendizado muito grande para mim, um amadurecimento também muito grande. Eu entrei na universidade para cursar design, sou artista então sempre gostei dessa área. E aí eu entrei por cota indígena. Eu não tinha uma pontuação muito boa para uma ampla concorrência né, até porque eu vim de um estudo de*

uma escola pública dentro da comunidade e depois eu estudei em uma das piores escolas de São Luís. Depois eu tentei melhorar, fui para uma outra escola. Então eu sempre estudei em escola pública e eu me candidatei a vaga para cota indígena e Escola Pública. É uma vaga que tem duas cotas, então eu entrei através dessa cota para fazer autodeclaração indígena e foi no outro dia. Foi no outro ano. Foi em 2018. Em 2018 ou em 2017 se eu não me engano teve uma manifestação de alguns indígenas que estavam dizendo que a maioria dos estudantes da UFMA do campus São Luís eram fraudistas que estavam na cota indígena e aí foram para o ministério público. Teve várias coisas né, fizeram a várias manifestações que começaram a averiguar quem estava na cota indígena e 99% era fraudistas e 1% era indígena, ou seja, tinha dois indígenas e o resto de um monte de fraudista. Então a UFMA retirou esses fraudistas, cancelou a matrícula e ficaram pouquíssimas pessoas indígenas dentro da universidade. Quem estava na cota e era fraudista saiu. Então quando eu entrei tinha uma política diferente que era receber uma documentação assinada por três lideranças de dentro da comunidade e uma tinha que ser uma comunidade indígena né registrada e eu não tinha esse documento. A comunidade é uma comunidade pesqueira ela não é uma comunidade indígena registrada na Funai. E aí eu tive que me submeter a uma entrevista. Eu lembro que antes da entrevista falei com a minha mãe, levei um documento, mas eu levei com assinatura das liberações da minha comunidade, mas não tinha como dizer que a comunidade era registrada como indígena. Mas, deu tudo certo assim na hora que eu fiz a entrevista, entreguei a documentação e expliquei né para as pessoas. As duas mulheres que entrevistaram, elas foram super gentis naquele momento e aí eu entreguei a documentação expliquei que a minha comunidade ela não foi registrada como uma comunidade indígena e que a comunidade teve registro de uma comunidade quilombola. E então eu expliquei essa situação que eu sou indígena e que eu moro em um território que foi registrado pelo INCRA. Aí até então elas falaram que iam mandar documentação para FUNAI e que a FUNAI ia averiguar. Se a minha comunidade existe né, se o meu povo me reconhece e aí eu seria aceita. E aí tudo bem né, comecei a cursar elas falaram que ia demorar uma semana para ter esse resultado. Comecei a cursar, recebi um e-mail depois de um mês dizendo que a Funai não tinha encontrado meu povo, que a FUNAI não tinha não tinha informações dessa etnia, da existência dessa etnia no Maranhão. Eu tenho esse documento ainda salvo. E aí eu fiquei com medo né tipo... “e agora?”. E aí pouco tempo depois eu estava no segundo período de design, esse tempo que eu vi esse e-mail né não aconteceu nada. Passou um semestre na verdade e aí eu vi que a minha matrícula tinha sido cancelada por que meu nome não estava mais na chamada dos professores. Eu só soube dessa forma. Meu nome não estava mais na chamada e eu tentei entrar no restaurante universitário e não consegui, estava bloqueada a carteira. Então eu fui lá verificar e estava lá que minha matrícula tinha sido cancelada e a justificativa era inaptidão, inaptidão racial. E aí assim, o que é isso? O que significa né? É um teste se você é ou você não é. Aí quem tem que definir isso são pessoas brancas. Então eu logo eu fiquei revoltada, eu falei “não vou deixar eu não vou desistir e eu vou tentar reverter”, e assim muito mal sabe? Chorando porque não tinha minha mãe não tinha meu pai, eu estava sozinha na cidade morando numa quitinete, e aí eu fui atrás de Justiça né. Fui atrás de advogado, defensoria, fui no Ministério Público, fui na OAB, eu ia para tudo quanto é lugar, que eu não ia desistir da minha vaga e que eu só ia ficar eu só ia me formar se fosse por cota indígena. Desde então eu tinha colocado isso na minha cabeça. E aí eu coloquei na justiça né, processei a UFMA por racismo institucional. A comissão de verificação indígena da UFMA me cancelou por

conta disso, por conta da inexistência do meu povo no estado. Então aí eu fui para defensoria e graças a Deus peguei um defensor maravilhoso que é o Juliano Damasceno. Ele entrou em contato com outros defensores de outros estados que já passaram por isso e várias pessoas me ajudaram. E aí foi quando eu coloquei na internet o que tinha acontecido comigo, fui para rádio, fui para TV, fiz várias coisas. Assim, várias pessoas compartilharam e eu fiquei indo muito tempo na defensoria, foram 5 meses, foram quatro meses na verdade. Quatro meses de processo que eu fiquei fora da UFMA, eu estava no segundo período de design, então quatro meses eu fiquei indo pra defensoria, indo para o ministério público, eu ia na OAB, se tivesse que falar com o juiz eu ia falar com o juiz. Se eu tivesse que falar com antropólogo, sociólogo, arqueólogo, tudo, eu fiz tudo, eu falei com todo mundo. E aí quando eu fui tendo esse contato com essas outras pessoas que eu fui conhecendo vários indígenas Tupinambás que falavam assim: “olha lá no Vinhais Velho tem uma família de Tupinambá. Lá na Raposa tem uma família de Tupinambá”. Todo mundo me falava isso “lá não sei aonde, lá em São José de Ribamar tem Tupinambá”. E aí eu comecei a pensar “cara como assim? Aqui tá cheio de Tupinambá! O que mais tem nessa cidade é Tupinambá e tão dizendo que eu não existo!” E aí a gente foi lá e teve várias investigações fiz entrevista com o antropólogo. Fui no CIMI, o Conselho Indigenista Missionário foi na comunidade, conheceu minha família, conheceu o meu pajé, conheceu todas as tradições a forma de pesca tudo. Eu tenho documento feito por essas pessoas, tudo bonitinho dizendo lá que viram na comunidade. E aí isso foi suficiente né, para o juiz dá sentença né. A universidade teve que me readmitir depois de um período, de 4 meses e meio, 5 meses. Os meus amigos de turma já estavam no período mais avançado. Eu voltei para o segundo período. Então a UFMA teve que me dar, eu tinha uma bolsa, eu recebia uma bolsa na universidade então a UFMA teve que me pagar esses meses retroativos. E aí pagou tudo direitinho, entrei na universidade e continuei meu segundo período de design. Só que eu já estava muito desgastada de tudo, de todos os xingamentos, de toda a revolta. Já estava muito cansada do racismo da Universidade, do silenciamento do Estado, de tudo. Então eu não consegui mais fazer design eu não sentia mais aquela vontade e olha que eu sempre amei. Assim que queria muito me formar em design. E aí nesse período eu não estava sentindo mais aquela vontade de ficar e de estudar e aí eu comecei a faltar aula e aí me veio aquele chamado mesmo, espiritual né. Todo mundo me perguntava “ué porque tu não faz direito? Tu vive na Defensoria. Tu tá aí na OAB. Fala com todo mundo, todo mundo da Defensoria da União te conhece faz direito, vem estagiar aqui”. E aí eu ficava me perguntando. aos meus guias se realmente era isso que eu tinha que escolher né, porque eu não sentia mais vontade de fazer design. Eu me inscrevi no ENEM de novo e cota indígena de novo. Passei para direito. E aí eu fui para o direito peguei a documentação, toda documentação do meu processo. Eu ia ter que enfrentar a mesma banca que me eliminou né... no ano anterior. Eu tinha que enfrentar a mesma banca então eu já abri um processo na Defensoria e já peguei toda a documentação do processo e fui me inscrever né. Me inscrevi e foi deferido, tô aí fazendo direito. Até agora né, não aconteceu nada e eu acredito que não vai acontecer nada. São só mais alguns trâmites de documentação para registrar comunidade ou grupo né que tá lá para que outras pessoas da comunidade, outros afirmados Tupinambás de outras comunidades também tenham esse fácil acesso dentro da universidade, para entrar na universidade sem passar por essa barreira que eu passei. E aí eu acredito que essa banca que me eliminou ano passado, ela não vai mais fazer isso né. Por causa da sentença do juiz e acho que eles têm que entender o quanto que o estado silenciou nosso povo e que eles não

precisam silenciar ainda mais. Eles podem ajudar a gente a se levantar mais rápido. Outros povos podem fazer isso, os especialistas nessa área por exemplo ao invés de silenciar, de apagar aquele povo e dizer que não existe ou de dizer que eu não posso fazer uma universidade porque o meu povo não existia, assim antes de você apontar o dedo para um povo e dizer que ele não existe você tem que voltar o pensamento lá para 1500 né, porque a gente não merece ser tratado dessa forma. Então é isso graças a Deus esse ano, provavelmente o ano que vem vai tá entrando Tupinambá na Federal do Maranhão. Tupinambá do Maranhão na Federal do Maranhão.

Foto: arquivo pessoal de Amanda Tupinambá



Zabelê: *A gente tem um problema aqui na UFPI por causa de um livro sobre história indígena escrito por uma professora em que ela argumenta que quase todos os indígenas do Piauí foram mortos, que no Piauí praticamente não tem mais indígenas.*

Amanda Tupinambá: Exatamente, eles não falam sobre a gente. O Estado e o governo eles não falam sobre nós, o país, o governo do país parece que quer apagar, agora quer apagar a gente. Quando eles falam sobre a gente, eles falam daquela forma mais estereotipada né. Muitas pessoas veem e aí perguntam logo “aí tu fala tua língua? Se tu não fala tua língua tu não é índio”. Sabe, essas formas estereotipadas de que a gente não pode tá

na cidade, de que a gente não pode ter um carro, de que a gente não pode, sabe, ter um iphone. Isso é muito atrasado. É o que eu estava falando né, ao invés da população ajudar os povos originários, ajudar os povos indígenas eles alimentam esse silenciamento pela falta de informação né porque hoje em dia a gente todo mundo tem que no mínimo ter aquele senso né de estudar e de aprender sobre os povos indígenas para não ter que chegar no indígena e perguntar se ele fala língua, ou se “aí tá com iphone” Porque sabe isso é muito atrasado, muito.

Zabelê: É bem complicado realmente lidar com essa falta de informação. É complicado lidar com essas violências institucionais, patrimoniais, emocionais. Sabemos que o impacto da educação e o desconhecimento sobre os povos indígenas, sobre o próprio povo Tupinambá no Maranhão é totalmente negada a existência de seu povo é dentro do Estado, sendo que o estado todo se você for olhar faz referências aos povos indígenas, a ilha de São Luís do Maranhão era Tupinambá. Como foi esse contato com a educação e seu ensino médio com os não indígenas? Como isso afetou sua vida? Como afetou sua vida emocionalmente?

Amanda Tupinambá: Eu tive, eu posso dizer que a partir dessa situação né, da Universidade eu comecei a ter um conhecimento melhor de tudo. Uma forma melhor de ver as coisas e de ver o pensamento daquela, daquele indígena que não sabe que é indígena, e tentar de uma forma muito delicada tentar quebrar esse silenciamento que fica dentro da gente. Então eu comecei aprender, ter esse olhar daquele que já se descobriu, daquele que já se encontrou na verdade e ajudar aquele que ainda não se encontrou, que ainda tá meio perdido. Desde então eu tenho feito esse trabalho com as pessoas, algumas pessoas vêm falar comigo na internet. Sobre essa questão de retomada pessoal, de entender, se encontrar. Eu tive a sorte de crescer dentro de uma comunidade, de ter aqueles saberes, de ter aqueles conhecimentos ancestrais e de viver parte da minha vida lá, a minha infância lá. Mas outros parentes que desde pequenos foram tirados dessas comunidades e foram morar na cidade que não sabem qual é a sua comunidade ou não sabem qual é e aonde que tá a sua família né? E aí entra o resgate, no coletivo. É você encontrar o seu povo, é você se...se entender. Tem a retomada individual e a retomada coletiva né. A gente tem que fazer esse trabalho né, de ir abrindo os olhos das pessoas que ainda tem aquele pensamento né, tentar ir quebrando o silenciamento dos parentes que são Tupinambá, que estão na ilha, que estão na cidade, que tem aquele preconceito consigo mesmo. Aos poucos a gente vai conseguindo. Eu sei que demora muito tempo mesmo para você conseguir chegar no resultado, assim de muitas pessoas tendo mais respeito e ajudando mais os povos indígenas ou se afirmando mais. Se encontrando mais, encontrando seu povo e se unindo. Vai demorar muito tempo para isso acontecer, mas a gente precisa continuar.

Zabelê: Eu acho que pra gente já ir um pouquinho caminhando mais pro final, queríamos que você falasse só um pouquinho sobre o impacto do coronavírus aí na sua comunidade. E falasse também um pouco dos seus projetos futuros. Falar mais do que a Amanda tá pensando daqui para frente. Luta a gente já sabe o que é uma das coisas pela nossa conversa.

Amanda Tupinambá: Sim com certeza! Esse período da pandemia foi e tá sendo ainda muito difícil. Acho que o momento mais difícil foi em julho quando meu bisavô faleceu. Ele pegou o covid, ele já estava bem velhinho então ele pegou covid e acabou falecendo em julho no dia do aniversário dele. Ele completou o ciclo de vida, nasceu e morreu no mesmo dia. Então, foi um choque assim para mim, perceber que eu tinha perdido meu avô para o covid e sem ter tido aqueles momentos que eu queria ter com ele de conversar mais, de saber mais sobre a minha bisavó né. A mãe dele era indígena e ela falava na língua dizem que ela foi pega no laço né. Aquele famoso termo que de que de que de que mulheres indígenas foram pegadas no laço. Então a minha avó, minha bisavó, mãe do meu avô ela foi pega no laço. E antes dele morrer teve a entrevista do CIMI, com a minha avó, fez entrevista com meu pai, fez entrevista com todo mundo. Então meu avô estava vivo e eu tenho meio que esse registro dele né contando sobre a história da mãe dele, que ela é muito brava, que ela batia nas pessoas, ela saía de casa com a saia de palha para bater nas pessoas. E aí assim depois que eu perdi meu avô ficou meio estranho. Eu não estou morando na comunidade agora. Eu estou morando em Alto Paraíso de Goiás bem distante da comunidade, mas meu coração tá lá. Minha família tá lá e eu vou voltar para lá daqui a um tempo. E é isso, eu estou aqui em Alto Paraíso agora a trabalho. Estudando direito online. Estou mais quietinha agora né. Estou fazendo a minha retomada caladinha. Não estou publicando muitas coisas na internet, porque ultimamente eu recebi muitos ataques de pessoas, inclusive indígenas também que tem esse preconceito com os povos que estão em retomada, que estão nesse resgate agora. E aí eu estou focando mais no meu trabalho, meu estudo para ter mais segurança. Eu preciso estudar mais, eu preciso ler mais para eu ter mais segurança em lidar com essas situações, mas é isso. Estou trabalhando com artesanato de cobra coral. Porque a gente tem aquela conexão forte com a cobra coral né. Se o Tupinambá tá aí com a gente. Então é isso gente

***Zabelê:** Belíssimo inclusive. Amanda eu só tenho a agradecer a entrevista. É muito conhecimento. Eu só tenho a agradecer porque algumas coisas não foram fáceis de falar sobre as violências, as opressões, as perdas que doem muito. Só tenho a agradecer em ter cedido seu tempo. Pra nós é um orgulho estar falando contigo. Muito obrigada por compartilhar conosco esse conhecimento gigantesco. Pra nós é uma honra estar te entrevistando. Muito obrigada por ter cedido espaço para Zabelê. E também venha para eventos sobre os povos indígenas aqui do Piauí.*

Amanda Tupinambá: Sim, com certeza. A gente só está de pé por causa dos nossos guias espirituais que estão aí na frente. Os nossos ancestrais que estão sempre fortalecendo o nosso pensamento. A gente que tá na retomada, tá na frente né desse processo a gente precisa muito acreditar e ouvir as vozes dos ancestrais.



Dossiê Direitos Humanos e Cultura